

A LITERATURA INFANTIL AUXILIANDO NO PROCESSO DA ALFABETIZAÇÃO: RELATOS DE EXPERIÊNCIA PRÁTICA EM UMA TURMA DE 4º ANO/MOSSORÓ-RN

Antonia Milene da Silva-12ª Dired

INTRODUÇÃO

Sabemos que a leitura de literatura infantil é imprescindível para a infância pois desenvolve habilidades, desperta a imaginação, criatividade e aprimora a escrita, dentre outros benefícios que pode vir a trazer para os leitores mirins.

Enquanto professora e incentivadora da leitura em sala de aula, deparamo-nos em um momento angustiador quando percebemos em diagnóstico inicial da turma de 4º ano (2014) da Escola Estadual Nossa Senhora das Graças localizada no município de Mossoró/RN que, além de estarmos com uma turma de 35 alunos em que a maioria não estava alfabetizada, evidenciamos ainda, que grande parte desses, não gostava de apreciar a leitura.

De imediato, vem uma sensação de aflição por termos não conseguir conduzir a turma para o avanço educacional que se espera de uma sala de aula de 4ª ano. Mas, quando paramos para refletir e analisar sobre o problema, conseguimos traçar metas para encontrar meios de ajudar a turma avançar e evitar a tão temida reprovação que apavora no 4º ano, tendo em vista que do 1º ao 3º ano não há reprovação escolar.

Partindo dessa realidade, resolvemos delinear metas e objetivos para corroborar com a aprendizagem escolar dos alunos, e um dos objetivos delimitados seria inserir a leitura de literatura diária de forma prazerosa e instigadora no contexto da sala de aula e, aos poucos, utilizar esses momentos de ludicidade para auxiliar no processo da alfabetização dos alunos. A experiência relatada aqui ainda está em processo de desenvolvimento tendo em vista que nos encontramos na conclusão do 1º semestre letivo. Entretanto, percebemos até o momento, que tivemos avanços significativos em relação a apreciação da leitura, contação de histórias e dramatização, realizadas tanto pela professora como pelos alunos, assim como uma boa aceitação das atividades de sequência didática em que envolva produção textuais.

DESENVOLVIMENTO

Quando pensamos em inserir no contexto da sala de aula a leitura diária, nos preocupamos como e de que forma poderíamos oferecer esses momentos aos alunos. Foi então que optamos por, nos dois meses iniciais do ano letivo, estaríamos sempre no início das aulas oferecendo o momento de leitura agradável, lúdico sem cobranças com questionários ou debates. Pretendíamos que as crianças fossem vendo a leitura como algo que pode encantar e despertar a imaginação, desconstruindo o que muitos compreendiam por leitura como algo chato e sem sentido.

Sabemos que não existe hora da leitura, mas nesse caso especificamente, pretendíamos voltar nossos olhares a apreciação da leitura. Nesses dois meses o objetivo era que as leituras, contação de história e dramatizações fossem realizadas pela professora para que os alunos fossem observando as diferentes formas de ler e contar histórias, escutando a entonação e analisando os recursos que poderiam ser utilizados no processo de leitura e contação de histórias.

Para selecionar quais textos seriam utilizados nesse primeiro momento, tivemos enquanto docente, que realizar pesquisas e leituras teóricas, afim de lembrar o que seria realmente um texto literário, e quais as características que o diferencia dos demais gêneros textuais. Compreendemos que seria imprescindível esse estudo para não oferecer uma leitura sem fundamentação, sem um estudo anterior do texto, e também para recordarmos as características que o texto literário traz que são fundamentais para a formação da criança, na medida em que possibilita exercitar as capacidades cognitivas infantil de forma lúdica, desenvolver o raciocínio, agilidade mental e proporcionar a criança a autoconfiança.

Nessa pesquisa, nos deparamos com os estudos de Fiorin (1992) que enfatiza impossibilidade de se ter uma definição fechada do que realmente seja uma obra literária ou não- literária, pois não há conteúdos exclusivos e nem avessos a esse gênero, todos os temas podem ser trabalhados dentre dos textos literários, por isso não podemos utilizar como critério de escolha, o conteúdo. O autor assume que a definição não é uma tarefa eminentemente simples, mas que a partir da observação de alguns detalhes, podemos perceber as especificidades da obra literária.

Dentro ainda dessa distinção, Fiorin (1992) elenca algumas características do texto não-literário. De acordo com ele, quando um texto não é literário, apresenta função utilitária no sentido em que objetiva informar, utilizando-se de argumentos racionais para convencer

algo trazendo aspectos da realidade, como também, tem a função de explicar e/ou documentar. Assim, quem lê essa mensagem vai diretamente ao conteúdo do texto para compreender a informação que o mesmo quer repassar.

Diferentemente deste, o texto literário possui uma função estética em que o modo de dizer é tão importante quanto o que se diz, como enfatiza Fiorin (1992. pág. 351), “*No texto literário, o escritor não apenas procura dizer o mundo, mas recriá-lo nas palavras, de modo que, nele, importa não apenas o que se diz, mas o modo como se diz.*”

Assim, o texto literário apresenta as características de plurissignificação, conotação, intangibilidade, linguagem poética e relevância no plano da expressão. Essas peculiaridades da obra literária são essenciais para que possa apresentar ao leitor, o caráter intocável e imaginário do texto, possibilitando a criação de significados distintos a partir das metáforas e metonímias apresentadas pela literatura. A mensagem literária também se distancia dos demais textos pela recriação dos conteúdos partindo dos ritmos, dos sons, de repetição de palavras, rimas ou descrições.

Pode-se dizer que a escola promove o intercâmbio entre a criança e a literatura, tendo oportunidade de estimular o gosto pela leitura, pois sabemos que o gênero literário proporciona fruição, alegria, encanto, conjugando o pensar e o sentir, o real e o sonho, num jogo de ludicidade que pode ser trabalhado de forma significativa na escola. Além disso, ela pode desenvolver a imaginação, os sentimentos, a emoção, a expressão e o movimento corporal através de uma aprendizagem prazerosa.

Destacamos que durante “A hora da Leitura” utilizamos alguns procedimentos necessários para se trabalhar com a obra literária em sala de aula de forma prazerosa e lúdica, ao ponto dos alunos levarem para o seu cotidiano o aprendizado advindo da literatura. Nesse processo, enfatizamos a experiência de leitura por “andaime” que consiste em três procedimentos: pré-leitura, leitura e pós- leitura (Graves & Graves, 1995)

Evidenciamos que, para se contar histórias é necessário ter alguns cuidados, dentre eles: conhecer previamente o livro que será lido para as crianças, transmitir confiança para o ouvinte, criar um clima de envolvimento, de encanto, evitar as descrições imensas e cheias de detalhes, saber usar as modalidades da voz e segurar o ouvinte desde o início da história.

Com relação ao processo de contação de histórias, Abramovich (1989) destaca como essencial que o professor,

(...) saiba dar as pausas, criar os intervalos, respeitar o tempo para o imaginário de cada criança construir seu cenário, visualizar seus monstros,

criar seus dragões, adentrar pela casa, vestir a princesa, pensar na cara do padre, sentir o galope do cavalo, imaginar o tamanho do bandido e outras coisas mais. (pág. 21)

Lembramos que nos procedimentos de leitura e contação de histórias, podemos utilizar alguns objetos ou técnicas que podem nos ajudar nesses momentos, a exemplo dos fantoches, imagens, avental colorido, álbum seriado ou a dramatização pela simples narrativa podendo tornar assim, esses momentos mais atrativos. Desse modo, o caráter simbólico é que vai estabelecer a diferença entre a realidade e a ficção na medida em que for trabalhado o lúdico vinculado ao aprendizado.

É imprescindível citar que estivemos a todo o momento tendo o cuidado de não estarmos utilizando o trabalho com a literatura infantil nas escolas como forma de entreter ou acalmar os alunos, pois se assim o fizermos estaremos descaracterizando a literatura, seus propósitos e reduzindo a leitura significativa a um ato mecânico. E dessa forma, estaremos colocando em prática o que é denominado por Amarilha (2003) como “Síndrome de Sherazade”.

Outro aspecto relevante que tivemos atenção especial no decorrer da atividade nesse momento inicial, diz respeito aos aspectos materiais das obras literárias como: a capa, o tamanho, o formato, a espessura, a versão autoral, a qualidade do papel, o número de páginas, o equilíbrio entre ilustração e texto, o tamanho e os tipos de letras.

Entendemos também que a análise desses elementos, deve levar em conta, sobretudo, a faixa etária da criança para quem o livro se destina, como o caso das crianças muito pequenas que requerem livros resistentes, folhas grossas, que facilitam o manuseio, com bastantes ilustrações e letras graúdas. Para leitores em fase de alfabetização como é o caso dos alunos do 4º ano em destaque, o texto deve ser curto, o vocabulário acessível e a ilustração, facilitadora da compreensão da história.

Abramovich (1989) orienta que a leitura e a contação de histórias não se restrinja apenas para as crianças que já sabem ler, pois segundo ela, as crianças pequeninas precisam ser inseridas nesse mundo desde cedo, sendo preciso, os professores criarem um clima de envolvimento e de encanto para trabalhar a leitura com essa faixa etária.

Durante esse estudo individual, percebemos a necessidade de estarmos munidos de conhecimentos teóricos acerca da importância da literatura infantil na formação da criança, tendo consciência que, através da literatura podemos fornecer condições para que a criança

venha ter conhecimento de si e do mundo, proporcionadas pela intermediação da realidade criada pela viagem à fantasia, primordial para o leitor.

Sendo assim, concluímos que a leitura favorece o desenvolvimento da sua personalidade, trabalha o aspecto afetivo, psicológico e cognitivo da criança. Desta forma, seria interessante os livros de literatura infantil principalmente os contos estarem presentes na vida da criança desde a educação infantil, auxiliando-a na elaboração dos seus conflitos, auxiliando-os a estruturar uma resposta positiva, um final feliz e seus problemas. Amarilha no seu livro *Estão mortas as Fadas?* (2003, pág. 18) nos diz:

Através do processo de identificação com os personagens, a criança passa a viver o jogo ficcional projetando-se na trama da narrativa. Acrescenta-se à experiência o momento catártico, em que a identificação atinge o grau de relação emocional, concluindo de forma liberadora todo o processo de envolvimento. Portanto, o próprio jogo de ficção pode ser responsabilizado, parcialmente, pelo fascínio que (o conto de fadas) exerce sobre o receptor.

Sendo assim os contos contribuem para a formação da personalidade, para o equilíbrio emocional, isto é para o bem estar da criança, pois através de suas personagens boas e más, dos obstáculos que estas enfrentam e os desfechos que nem sempre são felizes para todos, as crianças começam a perceber o mundo em que está inserida e todas as dores e prazeres contidos nele, estes contos falam-nos das verdades universais e individualmente de cada assunto que as crianças podem vir a se preocupar em cada fase da vida.

No caso específico dos alunos do 4º ano que, teoricamente já deveriam estar alfabetizados, percebemos que não se trata apenas de colocar as crianças em contato com o livro ou conto infantil na escola para conseguirmos formar verdadeiros leitores assíduos e promover a alfabetização. É preciso atentar para alguns detalhes extremamente importantes e que fazem muita diferença no trabalho pedagógico como, os objetivos educacionais da escola, o planejamento do professor, as políticas de incentivo a leitura e o entendimento por parte do corpo escolar de que a leitura deve contribuir não só para as atividades escolares, mas também que devem ter utilidade na vida social dos alunos, ou seja, a criança precisa acreditar que existem razões para aprender a ler e a gostar do livro.

RESULTADOS

Depois dessa fase de estudos teóricos realizados individualmente, selecionamos alguns clássicos infantis para trabalhar em forma de sequência didática nos dois primeiros meses, tais

como: Chapeuzinho Vermelho (Charles Perrault), Chapeuzinho Amarelo (Chico Buarque), Fita Verde no cabelo (Guimarães Rosa), Branca de Neve (Irmãos Grimm), Bruxa Salomé (Audrey Wood), a Bela e Fera (Irmãos Grimm) e O Pequeno Príncipe (Antoine de Saint-Exupéry).

Todas essas obras foram apresentadas pela professora nos momentos da “Hora da Leitura”. A cada obra selecionada elencava-se objetivos, pensava-se em uma forma diferente de apresentá-la com recursos diversificados como por exemplo, fantoches, dramatização, contação e objetos relacionados a leitura. Independente dos recursos, sempre utilizamos a leitura por andaimos (Graves & Graves, 1995) com a pré-leitura, leitura e pós-leitura.

A meta era que as crianças passassem a realizar esses momentos individualmente ou em grupo após os dois primeiros meses, porém, percebemos que as crianças se envolveram de tal forma, que passaram a pedir para proporcionarem esses momentos em sala de aula e no intervalo, apresentando para outros alunos da escola. Podemos citar aqui um exemplo desse envolvimento com a apresentação da peça teatral O Pequeno Príncipe em sala de aula. Toda a encenação foi organizada pelas crianças.

O mais encantador nessa experiência se trata de casos como o de alunos que tinha e ainda tem dificuldades de leitura e escrita, mas que passaram a ver a leitura como algo que pode proporcionar prazer e aproximá-lo da vida real, auxiliando no seu dia a dia e despertando sua criatividade e imaginação.

A respeito do relacionar a leitura com a vida do aluno, enfatiza Espíndola (2008. pág. 94) “*Para ter sentido dentro da escola, é necessário o aluno ter claro o que fazemos com tais práticas também fora dela.*” Sendo assim, teremos que enquanto educadores estarmos a todo instantes fazendo essa ponte entre a leitura, ficção e realidade das crianças.

Nesse sentido, Amarilha (2003) aborda a importância que o professor deve dar a leitura, pois partirá do educador o direcionamento da leitura na escola. Assim, considera a necessidade de termos em nossas escolas professores leitores, que encaminhem e instiguem o prazer e o gosto pela leitura, no entanto, o mesmo só poderá instilar em seus alunos a sedução pelo mundo literário, se ele mesmo o tiver.

Pretendemos no próximo semestre letivo de 2014, continuarmos com atividades dentro do momento “Hora da leitura” que envolvam outros gêneros textuais como poesias, fábulas e outros, que possam resultar quem sabe, em eventos voltados para exposição de produções advindas desses momentos de leitura em sala de aula como saraus, mostra poéticas, encenações e publicações.

Temos certeza apenas que esse incentivo proporcionado está sendo bem aceito por toda a turma, inclusive pelos alunos que já sabiam ler e escrever mas que também percebiam a leitura como algo que servia apenas para orientar e explicar algum assunto, não associavam a ludicidade e satisfação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo tivemos como objetivo relatar uma experiência, ainda em estágio de desenvolvimento, em uma escola pública da rede estadual de ensino no Município de Mossoró/RN em que desenvolvemos estudos a fim de estimular o incentivo da leitura de literatura infantil com crianças de uma turma de 4º ano das séries iniciais que apresentava bastante dificuldade de leitura e escrita.

Temos consciência que muitas escolas, pressionadas pelo sistema de ensino e pela competitividade social, se preocupam muito mais com a aquisição da língua escrita para promover sucesso escolar, como exigência de atividade obrigatória, avaliativa, do que como algo útil na vida social dos alunos, perpetuando a idéia de que a leitura e a escrita servem apenas para no futuro do indivíduo, para que esse possa vir a ter uma vida melhor relacionando sempre a uma profissão e, esquecendo de mencionar, que essa prática pode ser usada em todas as suas atividades cotidianas.

Quando pensamos nesses momentos de leitura, intencionamos sim a aquisição da escrita a partir das obras apresentadas, no entanto não pretendíamos único e exclusivamente, alfabetizar os alunos que apresentavam dificuldades, mas nosso maior intento era mostrar que a leitura pode ser bem mais do que apenas cópias de palavras, mas algo que pode trazer sensações e emoções diversificadas e gratificantes.

Consideramos primordial discutir a importância de se trabalhar com a literatura infantil na prática pedagógica das escolas públicas, destacando como fundamental o papel do professor nesse processo, pois de acordo com nosso estudo percebemos que deve haver um planejamento e incentivo para a construção leitora dos professores, na medida em que seremos nós professores, principalmente das séries iniciais, no decorrer da nossa profissão, que contribuiremos para o desenvolvimento de futuros leitores.

Nesse sentido, acreditamos que a literatura infantil é educativa em diversos aspectos e que é fundamental para a formação da criança enquanto futura leitora. Portanto, como

educadores devemos aceitar e fazer o convite aos nossos alunos que Abramovich (1993) nos faz para brincar com as palavras, brincar com a literatura e sermos felizes para sempre.

REFERÊNCIAS:

ABRAMOVICH, Fanny. **Como contar histórias**. In: Literatura infantil: gostosuras e bobices. 3. Editora. São Paulo: Scipione, 1989 p. 18 – 23

AMARILHA, Marly. **A criança e a ficção**. In: Estão Mortas as fadas? Literatura infantil e prática pedagógica. Petrópolis - Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

ESPÍNDOLA, Ana Lúcia. **A relação com o saber e a formação de leitores na escola**. In: relações e saberes na escola: os sentidos do aprender e do ensinar. Belo Horizonte: Editora. Autêntica, 2008. P. 91 - 97

FIORIN, José Luis, SAVIOLI, Platão. **Texto literário e não literário**. In: Para entender o texto: leitura e redação. 6. Editora. São Paulo: Ática, 1992. p. 349-353.

GRAVES, M. F. GRAVES, B. B. **The scaffolding reading experience: a flexible framework for helping students get most out of text**. **Reading**, abril, 1995.